

Departamento de Sociologia

O (In)sucesso Escolar dos Alunos Descendentes de Imigrantes: o
Caso dos Alunos de Origem Cabo-verdiana

Auriza de Fátima Delgado Ramos

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Educação e Sociedade

Orientador(a): Professora Doutora Sandra Mateus,
Investigadora Integrada, ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2019

Departamento de Sociologia

O (In)sucesso Escolar dos Alunos Descendentes de Imigrantes: o
Caso dos Alunos de Origem Cabo-verdiana

Auriza de Fátima Delgado Ramos

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Educação e Sociedade

Orientador(a): Professora Doutora Sandra Mateus,
Investigadora Integrada, ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2019

Resumo

Este trabalho consiste numa investigação sobre o (in)sucesso escolar dos alunos descendentes de imigrantes, especificamente dos alunos de origem cabo-verdiana. O objetivo do estudo foi tentar perceber as dinâmicas relacionais (aluno, professor, família) que levam estes alunos a terem insucesso escolar. Decidimos utilizar uma metodologia qualitativa com recursos a instrumento também de cariz qualitativo. O insucesso escolar dos alunos descendentes de imigrantes tem sido documentado nas últimas décadas, em Portugal. Durante a nossa pesquisa encontramos vários fatores que podem estar envolvidas nas causas do insucesso escolar, e privilegiámos a dimensão relacional. No âmbito deste trabalho tivemos a oportunidade de realizar entrevistas aos alunos rapazes do 3º ciclo do ensino básico, aos diretores de turma e aos pais/ encarregados de educação. O 3º ciclo é considerado um ciclo decisivo porque os jovens começam a ser mais responsáveis e autónomos nas suas escolhas. As principais conclusões a que chegamos é que há uma certa distância entre a comunidade escolar e a comunidade familiar. Há falta de acompanhamento escolar intensivo por parte dos pais. Nota-se ainda uma certa desmotivação nos estudos por parte dos alunos.

Palavras-chave: (In)sucesso escolar, Descendentes de imigrantes, Cabo Verde, Educação, Ensino Básico

Abstract

This work consists of research on the educational (in)success of pupils of immigrant descent, specifically of pupils of Cape Verdean origin. The aim of the study was to understand the relational dynamics (student, teacher, family) that lead these students to school failure. We decided to use a qualitative methodology using a qualitative instrument. The school failure of students of immigrant descent has been documented in recent decades in Portugal. During our research, we found several factors that may be involved in the causes of school failure, and we focused on the relational dimension. As part of this study, we had the opportunity to conduct interviews with student boys, class leaders and parents. The 3rd cycle of basic education is considered a decisive cycle because young people start to be more responsible and autonomous in their choices. The main conclusions we reached were that there is a certain distance between the school community and the family. There is a lack of intensive educational monitoring by parents. There is also a certain lack of motivation on the part of the students in their studies.

Keywords: School (In)success, Children of Immigrants, Cape Verde, Education, Basic Education

Agradecimentos

À minha família, em especial aos meus pais e irmãos pelo apoio e incentivo que me deram desde o início deste trabalho.

À minha orientadora Sandra Mateus, pelo apoio, disponibilidade, paciência e força que tem demonstrado, porque sem ela não poderia ter chegado até ao fim.

Aos professores e encarregados de educação da escola onde decorreu as entrevistas.

Aos colegas e amigos do mestrado em Educação e Sociedade, que estiveram comigo nesta caminhada.

A todos, muito obrigada.

LISTA DE ABREVIATURAS

AML – Área Metropolitana de Lisboa.

DGEEC – Direção Geral da Educação e Ciência.

PALOP – Países africanos de Língua Oficial Portuguesa.

PISA – Programme for International Student Assessment

TPC – Trabalhos de casa

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1. O SUCESSO ESCOLAR.....	3
1.1 Compreender o sucesso escolar	3
1.2 Relações no ambiente escolar.....	5
Relações entre os pais e a escola	5
Relações entre os pais e os alunos	7
Relações entre os professores e os alunos	8
1.3 Cabo-verdianos na escola portuguesa.....	9
CAPÍTULO 2. METODOLOGIA.....	12
CAPÍTULO 3. ANALISAR O (IN)SUCESSO ESCOLAR	15
3.1 A voz dos alunos	15
Caraterização dos alunos entrevistados.....	15
Trajetórias escolares	17
Experiências escolares	18
Os aspetos relacionais.....	20
3.2 A voz dos diretores de turma.....	20
Caracterização dos diretores de turma	20
A relação entre os professores e os alunos	21
Experiência do professor na sala de aula.....	24
A relação entre pais e professores	27
Envolvimento dos pais nas atividades escolares	29
CONCLUSÃO.....	31
BIBLIOGRAFIA	33
ANEXOS	34
Anexo 1 Guião de entrevista aos diretores de turma.....	35
Anexo 2 Guião de entrevista aos alunos	37
Anexo 3 Guião de entrevista aos pais.....	39

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de investigação é realizado com o intuito de obtenção do grau de Mestre em Educação e Sociedade no Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE). Trata-se de um trabalho sobre o (in)sucesso escolar dos alunos descendentes de Imigrantes: o caso dos alunos de origem cabo-verdiana

Escolhemos este tema porque desde o início do curso de mestrado ficámos a saber que os alunos descendentes de imigrantes, em especial os de origem cabo-verdiana, têm uma grande incidência de insucesso escolar. Portanto, é neste sentido que tivemos a curiosidade em saber o porquê do seu insucesso escolar, ou seja, quais as causas que estão por detrás do mesmo. São estes os alunos que têm menor aproveitamento e maior taxa de reprovações (Seabra, 2010). É este o seu insucesso nas escolas.

Segundo Seabra (2010), desde os anos 90 que os descendentes de imigrantes dos PALOP (exceto os oriundos de Moçambique), são os que têm piores resultados escolares, com especial incidência para os que são originários de Cabo Verde. Neste período, estes alunos têm sempre os piores resultados ao longo de todo o ensino básico e, em contrapartida, os alunos oriundos dos restantes países obtêm, na grande maioria dos casos, e se igualadas as condições sociais, melhores resultados escolares que os dos alunos autóctones. É neste ponto que resolvi investigar sobre este assunto para saber as causas que os levam a ter insucesso escolar.

Para desenvolver este tema partimos da seguinte interrogação: **que dinâmicas relacionais (aluno, família, escola), aparecem envolvidas nos casos de (in)sucesso escolar dos alunos de origem cabo-verdiana?** O objetivo foi tentar perceber as razões que explicam o insucesso dos alunos de origem cabo-verdiana, nomeadamente os aspetos relacionais envolvidos.

Para a realização deste trabalho vou centrar-me numa escola do 2º e do 3º ciclo do ensino básico na Área Metropolitana de Lisboa. A escola fica situada no concelho da Amadora. Escolhi esta escola porque é uma escola frequentada por um grande número de alunos descendentes de imigrantes cabo-verdianos, e onde possivelmente há condições para encontrar resposta para a minha pergunta de partida.

Optámos por realizar entrevistas aos alunos do 3º ciclo do ensino básico porque é o ciclo em que os alunos começam a pensar sobre as profissões que querem escolher no futuro, começam a aprender a ser mais responsáveis com os seus estudos e as suas escolhas, e começam a ser autónomos nas suas decisões. É o ciclo em que os alunos começam a descobrir as suas vocações, e a preparar-se para o ensino secundário.

Nesta fase eles já se sentem mais responsáveis e muitos deles acham que já não é necessário a pressão dos pais para estudarem e obterem boas notas.

As entrevistas foram feitas só aos rapazes do 3º ciclo da referida escola. Escolhi os rapazes porque são eles que mostram maior percentagem de insucesso em relação às raparigas. Segundo Seabra (2010), as taxas de transição segundo o género, no ensino básico e secundário, vão no mesmo sentido do que se verifica nos restantes países ocidentais: entre 1994 e 2004 são sempre as raparigas que obtêm as maiores taxas de sucesso escolar.

As raparigas valorizam mais a experiência escolar, têm uma atitude mais positiva perante a escola e são alvo de mais elevadas expectativas por parte dos professores do que são os rapazes (Seabra e outros, 2016:25). Têm também, como já referimos, melhor aproveitamento escolar do que os rapazes, mas as diferenças são mais ou menos acentuadas conforme a origem social (Grácio,1997:53)

A comunidade onde o aluno está inserido também pode influenciar o desempenho escolar dos alunos. Como mostra Seabra, “o fraco desempenho escolar de alguns grupos de descendentes de imigrantes está relacionado com forças comunitárias que, moldadas por uma relação de subordinação (passado e presente), conduzirão a um confronto e a uma afirmação identitária no contexto escolar, o que por sua vez, ira reforçar essa posição social subalterna “(Seabra 2010:85).

É de salientar que, o insucesso escolar nos alunos das classes populares, mais precisamente nos rapazes e em alguns grupos de origem imigrante, é um fenómeno social multidimensional e relacional, ou seja, onde se reúne a socialização familiar e escolar, e também a relação da escola com a sociedade em que se inscreve, nomeadamente, com a amplitude das desigualdades sociais existente nessa sociedade e com a interação entre a escola e o mercado de trabalho (Seabra, 2010: 59).

Para além dos alunos, entrevistaram-se os diretores de turma dos alunos entrevistados, com o objetivo de tentar perceber as causas que estão por detrás do (in)sucesso escolar dos alunos de origem cabo-verdiana.

Vamos, no capítulo 1 falar do sucesso escolar, seguidamente, no capítulo 2 vamos debruçar-nos sobre a metodologia e por último, no capítulo 3 vamos analisar o (in)sucesso escolar, ou seja, fazer a análise das entrevistas realizadas.

CAPÍTULO 1. O SUCESSO ESCOLAR

1.1 Compreender o sucesso escolar

A compreensão do sucesso escolar tem motivado a atenção de muitos investigadores. Há vários fatores preditores que estão por detrás dos resultados da aprendizagem. Encontramos variáveis de carácter mais geral, e outras mais específicas, tais como: “a origem social e demográfica dos estudantes, o tipo e a variedade de recursos pedagógicos e de aprendizagem das instituições, o envolvimento institucional e o sentimento de pertença à escola, o tipo e a qualidade das relações interpessoais que se estabelecem em contextos de sala de aula, fatores cognitivos e pessoais de aprendizagem, entre outras” (Ferreira, Cardoso e Abrantes, 2013: 29).

É nessa linha de pensamento que alguns autores (Seabra e outros, 2016: 23) defendem que “as escolas são instituições chave na incorporação dos filhos de imigrantes, cumprindo em grande medida o processo de integração social intergeracional nas sociedades modernas”. É na escola que os alunos adquirem e certificam as suas competências e capacidades para que possam integrar e participar de forma digna na sociedade em que estão inseridos, para alcançar percursos de mobilidade social que muitas vezes são difíceis de resolver por outras vias. Ou seja, a escola é o lugar onde os alunos conseguem desenvolver as suas aptidões conduzindo-os a uma melhor adaptação na sociedade. É na escola que conseguem afirmar-se e adaptar-se face aos desafios que o mundo lhes apresenta.

Nos estudos sobre descendentes de imigrantes a educação é central, com foco na medição e explicação das experiências e trajetórias escolares, e onde o insucesso escolar tem uma presença persistente. As perspetivas mais recentes em volta do sucesso escolar dos descendentes de imigrantes vão para além das explicações a partir da cultura. Baseiam-se em inquéritos a populações alargadas e tentam compreender as experiências migratórias ou as pertenças étnicas, as características da família, dos jovens, ou os efeitos da própria escola.

Nas sociedades contemporâneas o sucesso escolar constitui não apenas uma preocupação omnipresente de professores, estudantes e suas famílias, mas também um tema central na agenda política e mediática. Assim, tem-se afirmado a convicção de que o êxito na e da escola é um fator importante para o desenvolvimento, a integração e o bem-estar, quer de cada indivíduo, quer dos grupos da sociedade como um todo (Veloso e Abrantes, 2013).

Muitas vezes o sucesso escolar de cada aluno depende da origem social e cultural dos familiares com quem vive e do meio onde está inserido. Daí podemos

salientar que o sucesso escolar dos alunos das famílias mais favorecidas encontra a sua razão de ser nas afinidades culturais sentidas, e nas vantagens decorrentes da detenção do capital cultural herdado, isto é, depende do contexto familiar e social em que o aluno está inserido.

É de salientar que para potenciar as probabilidades de sucessos escolar dos alunos provenientes dos grupos sociais mais desfavorecidos se torna indispensável que a instituição escolar conheça as estratégias educativas das suas famílias de modo a poder reduzir a “rutura cultural” sentida, justamente pelos filhos dessas famílias cujo modelo de socialização mais se diferencia do modelo de socialização escolar (Seabra,1999).

Abrantes e Veloso (2013: 207) defendem que, desde os anos 60, se sabe que os alunos descendentes de imigrantes conhecem menos o sucesso escolar que os seus pares autóctones. Portanto, as crianças oriundas da imigração às vezes apresentam algumas dificuldades de insucesso escolar em relação aos seus pares, inclusive quando as respetivas famílias têm habilitações e um estatuto socioeconómico elevado.

Ferreira (2008:140) baseia-se nos dados do ano letivo de 1997/98. São, neste caso, dados relativamente antigos, mas que dão conta que de entre as minorias associadas aos PALOP,

“(…) os cabo-verdianos apresentam o quadro mais preocupante na medida em que, por um lado, acrescentam às elevadas taxas de desistência (que todos apresentam) as mais baixas taxas de aprovação, durante a escolaridade obrigatória e, por outro lado, e sobretudo, porque abandonam o ensino obrigatório e secundário, progressivamente, muito mais do que qualquer outra minoria africana” (Bastos et al., 1999: 97, em Ferreira, 2008).

Ainda segundo as mesmas estatísticas, dava-se conta que os alunos cabo-verdianos, que nos dois primeiros ciclos apresentavam um perfil escolar francamente desvantajoso em relação às restantes minorias dos PALOP, vão no final do 3.º ciclo e no Secundário atingir ou até superar aquelas minorias.

Mas muitos são os obstáculos que fazem com que esses alunos encontrem essas dificuldades ao longo da escolarização. Neste caso podemos apontar algumas dificuldades tais como os problemas socioeconómicos e financeiros. Trata-se de uma constatação reveladora de que a desvantagem registada por parte de alunos cabo-verdianos, bem como o seu abandono escolar, apontam para dificuldades encontradas ainda no seu processo de adaptação escolar, que se manifestam muito precocemente, ainda no 1.º ciclo do Ensino Básico (Diogo, 2008).

O sucesso escolar é fundamental para as famílias, em grande parte, porque constitui um importante meio de definição das trajetórias socioprofissionais. Mas

sabemos que para que possa haver sucesso escolar há que haver envolvimento da família (Diogo, 2008:149).

A contribuição dos pais ajuda a assegurar as atitudes que se deseja que sejam desenvolvidas nos alunos. Além da família e da escola, o próprio aluno tem um importante papel no seu sucesso escolar, precisa de acreditar no valor da escolaridade, porque é com o aproveitamento que se consegue afirmar socio profissionalmente. Sabemos que o sucesso escolar das raparigas se explica pela conjugação de dois fatores: as vantagens da socialização familiar no cumprimento do ofício do aluno e o sobre investimento que farão na escolaridade como melhor meio de concretizar a sua trajetória de emancipação (Jacob, 2018).

É de salientar que a excelência escolar das raparigas não questiona a tese das vantagens da continuidade cultural entre a família e a escola, mas interpela a escola enquanto instrumento nuclear de reprodução dos grupos dominantes. O seu maior desempenho ou sucesso escolar também tem haver com as expetativas que existe relativamente a elas.

1.2 Relações no ambiente escolar

Porque é que as relações e o aspeto relacional são importantes para compreender o sucesso escolar? A escola é um espaço relacional, onde alunos de diferentes origens sociais estabelecem, entre si, relações de convívio ligadas aos processos de aprendizagem escolar. Estabelecem, também, relações com os processos que se podem caracterizar, na sua essência, pelo seu carácter académico; estabelecem ainda, relações de maior ou menor proximidade com os funcionários.

Estas relações têm de uma forma geral, um carácter diferente e importante. Isto porque a escola aparece como um prolongamento da ação da família mas como uma intuição com finalidades específicas, jamais desempenháveis pelas famílias (Seabra, 2010).

Relações entre os pais e a escola

De acordo com os indicadores selecionados por Kellerhals e Montandon (1991:178) em Benavente (1994), o grau de participação das famílias na escola pode ser analisado através dos contactos que realizam do acompanhamento nos trabalhos escolares e ainda pela eventual vontade de intervir na dinâmica escolar. Como afirma Silva,

“A relação escola família pode ser vista como apresentando duas vertentes, ou seja, a casa e a escola, isto é, por um lado as interações entre pais e filhos a propósito da escolaridade destes que se desenrola no quotidiano do lar e que de

um modo geral, apenas os alunos e suas famílias conhecem, e, por outro lado o contacto individual e ou coletivo que ocorre com maior ou menor regularidade na escola entre pais e professores” (Silva, 2003: 29).

Nas sociedades contemporâneas a relação escola-família é reconhecida como desejável e reclamada pelos profissionais da educação. Sabendo que a família é a principal responsável pela educação de suas crianças; é o porto seguro que, de uma forma consciente ou inconsciente, se educa os filhos que, ao longo do tempo, são influenciados pelos exemplos, atitudes e comportamentos das pessoas ao seu redor. Portanto, a família é um dos quadros sociais, que se destaca na sociedade de forma mais profundo, partilhando recursos e experiências, formando projetos, que os ajuda a desenvolver estratégias da vida. Por sua vez a escola tem exigido de modo crescente a sua participação no processo de escolarização (Seabra e Abrantes 2016). Como afirma Seabra,

“A investigação no domínio da relação das famílias com a escola desenvolveu-se apenas nos últimos trinta anos, mas o debate em torno dos papéis de cada instituição educativa tem a idade da própria escola. É de salientar que a escola não aparece como um prolongamento da ação da família, mas como uma instituição com finalidades específicas, jamais desempenháveis pelas famílias” (Seabra, 2010: 199).

Nessa mesma linha podemos destacar que a participação dos pais na escola é importante tanto para a escola como para o filho. Ambos têm um papel fundamental na educação, por isso, não devem ser separados, pois, enquanto que a escola estimula e desenvolve uma perspectiva mais universal e ampliada do conhecimento científico, a família transmite valores e crenças e, como consequência, os processos de aprendizagem e desenvolvimento se estabelecem de uma maneira coordenada.

Falando da relação dos pais com a escola, podemos constatar que os pais das classes médias têm maiores aspirações quanto ao futuro profissional dos filhos e maiores expectativas que essas aspirações se realizem e sentem-se mais eficazes na conduta em relação a escola do que os pais das classes populares (Seabra, 2010).

Nesta linha de raciocínio podemos falar de dois tipos de estratégias educativas, que é a estratégia contratualista e a estratégia estatutária. A primeira estratégia é partilhada pelos grupos domésticos pertencentes à burguesia e a pequena burguesia. A segunda estratégia é adotada pelas famílias pertencentes ao operariado e a pequena burguesia de execução.

A estratégia estatutária identifica como principais fontes de incerteza a capacidade dos filhos em prosseguir os estudos e o seu empenhamento escolar. E para

que os filhos tenham sucesso escolar, essas famílias se dispõem a realizar os sacrifícios necessários. Diz-nos Seabra que estas famílias limitam

“a sua participação nos trabalhos de casa ao controlo da sua realização e a indicação de que os devem fazer corretamente. Conversam com os filhos sobre a escola, sobretudo a partir de episódios que estes relatam e centram-se na relação com os colegas e nas atitudes do professor.” (Seabra, 2010: 59)

Verifica-se que cada estratégia referida anteriormente é partilhada tanto pelas famílias que imigraram de cabo verde como pelas famílias que sempre viveram em Portugal. Neste caso as famílias de origem cabo-verdiana, revelam a nível dos projetos educativos, uma maior preocupação para os filhos se prepararem para enfrentar as dificuldades da vida sabendo defender-se e não se deixar humilhar (Seabra, 2010: 65).

Relações entre os pais e os alunos

Desde os anos 60, tem sido mostrado que os alunos cujos pais se envolvem na sua escolaridade apresentam vantagens no que toca ao seu sucesso escolar.

O envolvimento dos pais pode estar relacionado com o sucesso escolar, isto porque os alunos mais acompanhados são mais incentivados, e também um maior envolvimento pode ser visto como um meio de garantir o aproveitamento necessário a progressão escolar (Diogo, 2008:151). Ou seja, o papel dos pais no ensino dos filhos deve funcionar de forma complementar ao da escola, promovendo o sucesso e uma boa convivência social.

Os pais consideram ser muito importante participarem na vida escolar dos filhos, e precisam de sentir que a escola e os professores os envolvem. Sentem que devem estar informados e participar nas atividades que a escola promove.

A demonstração de interesse pela vida escolar dos filhos é parte fundamental do seu processo de aprendizagem. Ao perceber que pais e família se interessam pelos estudos e pelas experiências escolares a criança sente-se valorizada, desenvolvendo-se de forma segura e com boa autoestima (Diogo, 2008). Esta participação na vida escolar pode fazer-se de várias formas: “através dos contactos que realizam, do acompanhamento dos trabalhos escolares e ainda pela vontade de inserir na dinâmica escolar” (Benavente e outros: 1994). Como referem Montandon e Perrenoud, “os pais consideram os seus filhos como seres únicos, já que estão atentos as suas particularidades e velam pelas suas necessidades afetivas” (Montandon e Perrenoud, 2001:5). Seabra lembra também que

“O apoio da família na escolarização produz efeitos sobre o desempenho escolar, numa relação direta, ou seja, sempre que o apoio familiar aumenta o sucesso

também aumenta, sendo os ganhos particularmente visíveis no caso das famílias de origem cabo-verdiana” (Seabra, 2010).

Neste caso o apoio familiar é crucial para o sucesso escolar. Os pais participam ativamente da vida escolar dos seus filhos, eles demonstram estar interessados no processo em que as crianças estão inseridas. Com isso, elas se sentem apoiadas, acolhidas e mais seguras para seguir no desenvolvimento educacional, daí surge um melhor aproveitamento.

Relações entre os professores e os alunos

A relação professor/aluno é fundamental em todos os níveis de ensino, visto que deixa marcas positivas na vida futura do aluno. De acordo com Montandon e Perrenoud (2001:5),

“Os professores veem cada aluno como membro de um grupo, no seio do qual é preciso instaurar uma certa igualdade de tratamento e promover um certo tipo de trabalho, com tudo o que esse implica de tensões e de dinâmica coletiva.”

É de salientar que a relação professor-aluno é marcada pela motivação à participação por parte do professor e o respeito que o aluno sente em relação a este.

A relação que os alunos mantêm com os seus professores, mesmo quando caracterizada como “muito” boa, está na maior parte dos casos circunscrita ao âmbito profissional. Nos estudos encontramos poucos alunos que afirmam contar com os seus professores, desabafar problemas pessoais ou colocar questões de forma mais íntimo (Seabra e outros, 2011:97).

Ferreira (2008) salienta que os professores referem muitas vezes problemas de comportamento, indisciplina e até de fraca participação nas aulas. No que respeita a problemas de comportamento, falam de dois tipos de atitudes. Por um lado, as crianças que se manifestam muito passivas, que se exprimem com dificuldades e que se mostram quase como que aterrorizadas perante a presença do professor. Esta atitude, que não sendo bem de obediência, mais se assemelha a uma espécie de auto-repressão exercida sobre si mesmas.

A consequência prática desse comportamento é, no dizer dos professores, a fraca participação na sala de aula, a incapacidade por vezes de colocar questões e o “estar de pé atrás” em relação a toda atividade coletiva que implique professores e alunos. Por outro lado, assinalam a existência de casos de alunos particularmente indisciplinados, que recusam a autoridade do professor e se mostram muito agressivos para com os colegas. Alguns interpretam o facto alegando as diferenças de estatuto

social entre os que são de origem portuguesa e cabo-verdiana na sala de aula. Estes últimos em situação de desvantagem, reagiriam assumindo ou contestando esta posição violentamente. Outros professores alegam, como estando na base desta violência, o desconforto e a frustração de quem já não aguenta o insucesso (Ferreira, 2008: 144).

O aluno projeta e associa ao professor imagens internas agradáveis ou desagradáveis e quando a sua ligação com um bom ou mau objeto na esfera interpessoal vai incidir no conteúdo da aprendizagem, na “matéria”. É o que acontece quando o aluno detesta a disciplina, ou não a aprende, porque não gosta do professor.

É inegável o poder simbólico do professor. Em consonância, há uma dinâmica relacional que se estabelece e que nem sempre é compreensível de parte a parte. (Ferreira, 2008: 145). Como afirma Silva,

“Os professores têm um papel importante na medida em que tendem a transportar consigo uma imagem ideal de bons pais que marginaliza aqueles que não se encaixam nas características, nomeadamente de classe social e etnia.”
(Silva, 2003:73)

1.3 Cabo-verdianos na escola portuguesa

Recorrendo a algumas fontes que são um pouco antigas, verificamos que as crianças e jovens de origem cabo-verdiana conheceram um forte crescimento em escolas portuguesas, a partir do início dos anos 80. Segundo os dados do Entreculturas, em 1998 frequentavam as escolas portuguesas cerca de 12 000 crianças cabo-verdianas, distribuídas pelos vários ciclos da seguinte forma: 6000 no 1.º Ciclo, 3000 no 2.º Ciclo; 2000 no 3.º Ciclo, 1000 no Ensino Secundário. Do seu percurso escolar sabe-se muito pouco, porque se dispõe de muito poucos elementos objetivos para avaliação (Ferreira, 2008:139).

Com base nos dados do ano letivo de 1997/8, um estudo dava conta que de entre as minorias associadas aos PALOP, os cabo-verdianos apresentam o quadro mais preocupante na medida em que, por um lado, acrescentam às elevadas taxas de desistência (que todos apresentam) as mais baixas taxas de aprovação, durante a escolaridade obrigatória e, por outro lado, e sobretudo, porque abandonam o ensino obrigatório e secundário, progressivamente, muito mais do que qualquer outra minoria africana” (Bastos et al., 1999: 97).

Como defende Ferreira (2008:35), os jovens descendentes de famílias cabo-verdianas, cuja maioria vive em “bairros sociais” ou ainda em “bairros de lata”, têm

elevadas taxas de desistência e reprovação no ensino básico. Muitos abandonam a escola antes de completarem o 9.º ano de escolaridade por ultrapassarem a idade limite para o fazer no regime normal. Poucos voltam à escola para o completar no ensino noturno. Grande parte dos que completam o 9.º ano são (como muitos outros jovens “escolarizados”) “analfabetos funcionais”, para os quais a sociedade portuguesa apenas tem para oferecer empregos mal remunerados e de pouco prestígio social, e, portanto, não atrativos. Contudo, não podemos dizer que isso é algo que afeta exclusivamente os jovens descendentes de famílias cabo-verdianas.

O insucesso escolar, motivado em grande medida por uma certa falência do sistema de ensino tutelado pelo estado, e a perspectiva de empregos mal remunerados, aquém das expectativas de vida, é algo que afeta hoje grande parte da juventude que nasce e cresce em Portugal, particularmente os filhos das famílias que ficaram nas margens da sociedade afluyente surgida nas décadas de 1980-90. Uma situação que se mantém na década iniciada em 2000.

Segundo Silva (2013:29), a situação dos alunos de nacionalidade cabo-verdiana, que tem vindo sistematicamente a constituir-se como uma das maiores comunidades de alunos estrangeiros do sistema educativo português, pode ser enquadrada nos mesmos termos, servindo para o ilustrar os dados relativos ao seu desempenho nesse sistema.

No ano letivo 2003/2004 essa comunidade representa 14% da população escolar estrangeira e apresentava a seguinte distribuição pelos diferentes níveis de ensino: pré-escolar 13%; 1º ciclo 46%; 2º ciclo 15%; 3º ciclo 15%; secundário 9,6%. Esta repartição colocava em evidencia o que tem sido uma quebra persistente da representatividade destes alunos à medida que progridem no sistema de ensino educativo português, na transição do ensino básico para o ensino secundário que posteriormente se estende ao ensino superior (Évora, 2013).

A representatividade destes alunos no total da população escolar de nacionalidade estrangeira não tem sofrido grandes alterações, se atendermos aos valores registados em 2007/2008 (13,71%), em 2008/09 (14,61%) e em 2009/10 (14,89%). A população de estudantes de nacionalidade cabo-verdiana continua a ser a mais representativa no conjunto dos PALOP nesse período.

Segundo os últimos dados cedidos pela DGEEC e referenciados em Seabra e outros (2018), no ano letivo 2015/16, contabilizavam-se nas escolas portuguesas cerca de 45 mil alunos, 3,6% do total dos alunos inscritos no ensino básico e secundário, de 194 nacionalidades estrangeiras.

Em 2014/15, 3,5% dos alunos do ensino básico e 4,3% dos alunos do secundário tinham nacionalidade estrangeira e concentravam-se no Algarve (10%) e na área Metropolitana de Lisboa (7,2%) (CNE, 2016).

O desempenho escolar de alunos com origem imigrante, e a sua distância face aos pares nativos apresentam uma variação acentuada entre os países europeus. O desempenho escolar dos alunos com origem imigrante é, em geral, mais baixo do que os seus colegas autóctones. Muitos alunos de origem imigrante apresentam desvantagens no processo de aprendizagem, maiores riscos de insucesso e de abandono escolar, desvantagens evidenciadas, por exemplo, em análises do Inquérito PISA. Os grupos com origem em países terceiros, fora do espaço europeu, nomeadamente afrodescendentes, apresentam resultados ainda mais desfavoráveis (OCDE, 2015; Seabra e outros, 2016: 307).

Constata-se que, são esses alunos que frequentam menos anos (e mais tardiamente), o ensino pré-escolar, reprovam mais, e mais repetidamente, e são mais encaminhados (e mais precocemente) para as opções vocacionadas nos sistemas de ensino (tal como são erradamente orientados para o ensino especial) (OCDE, 2015). No entanto evidenciam-se diferenças de género, com as raparigas a revelarem melhor desempenho, como acontece na generalidade dos alunos (Seabra e outros, 2016: 308).

Pode-se destacar ainda que na maioria dos países, os alunos frequentam escolas onde a concentração de alunos com origem imigrante é alta (ou seja, onde mais de um quarto dos estudantes são imigrantes) tendem a apresentar um desempenho pior do que aqueles em escolas onde a proporção de alunos de origem imigrante é mais baixa, mesmo considerando o estado socioeconómico. Portugal apresenta resultados particularmente desfavoráveis neste domínio, apesar da proporção relativamente baixa de alunos com origem imigrante (OCDE, 2015: 309).

Salienta-se ainda que em 2013/14, as crianças de nacionalidade dos PALOP tinham o triplo da probabilidade de reprovarem no 1º ciclo e nos restantes ciclos esta era sempre mais do dobro do que a dos alunos de nacionalidade portuguesa. A quase totalidade dos alunos com nacionalidade dos PALOP no ensino secundário, 80%, estava em vias profissionalizantes, o dobro dos seus pares de nacionalidade portuguesa; e, em 2011, somente 16% dos afrodescendentes acedia ao ensino superior, metade da probabilidade dos descendentes de portugueses (Seabra e outros, 2016).

CAPÍTULO 2. METODOLOGIA

A realização deste trabalho de campo centrou-se numa escola do 2º e 3º ciclo, na Área Metropolitana de Lisboa, no distrito de Lisboa. Escolhemos essa escola porque é uma escola frequentada por um grande número de alunos descendentes de imigrantes cabo-verdianos, e onde possivelmente poderemos encontrar respostas para a nossa pergunta de partida.

Optámos por uma metodologia qualitativa recorrendo à técnica de entrevistas semi-diretivas. Optámos pela realização de entrevistas porque através das entrevistas podemos extrair uma quantidade muito grande de dados e informações que possibilitam um trabalho bastante rico. Com a realização das entrevistas podemos encontrar algumas vantagens tais como;

- possibilita a obtenção de respostas mais profundas;
- permite a obtenção de grande riqueza informativa;
- oferece uma maior flexibilidade;
- possibilita captar a expressão corporal do entrevistado, bem como a tonalidade de voz e ênfase nas respostas.

Além de vantagens também encontramos desvantagens, como:

- limita o número de sujeitos de estudo;
- requer pessoal qualificado para recolher os dados;
- implica uma grande disponibilidade de tempo.

Fizemos entrevistas a 6 alunos rapazes do 3º ciclo, 2 de cada ano letivo (7º, 8º e 9º) um com uma trajetória de sucesso escolar e outro com trajetória de insucesso escolar. Escolhemos entrevistar só os rapazes porque são eles que apresentam maior insucesso escolar.

O motivo da escolha do 3º ciclo, é que este é o ciclo em que os alunos começam a descobrir as suas vocações, e a preparar-se para o ensino secundário. Nesta fase já se sentem mais responsáveis e são mais autónomos dos pais nas práticas de estudo e nas tentativas de obtenção de boas notas.

Complementarmente, também aplicámos entrevistas aos diretores de turma desses alunos e aos pais/encarregados de educação desses alunos. Para realizar as entrevistas aos alunos e diretores de turma, tivemos a ajuda da subdiretora da referida escola que esteve sempre disponível, e foi fundamental nos contactos e na identificação de alunos e diretores de turma. Os alunos entrevistados foram selecionados e escolhidos pela subdiretora e pelos diretores de turma, mediante os critérios por nós explicitados.

As entrevistas foram realizadas na escola. Foi enviada uma autorização aos pais/encarregados de educação dos alunos para que pudessem autorizar a entrevista. Houve alguns pais que não autorizaram que seus filhos fossem entrevistados.

As entrevistas aos alunos tiveram lugar na sala de reuniões da escola. A sala, é de grande dimensão, fica localizada no 1º piso, ao lado da biblioteca, mas mesmo assim exposta aos ruídos dos alunos que estão no pátio e na biblioteca. A maioria das entrevistas foram feitas na parte de manhã. Cada entrevista demorou em média 35 minutos e foi gravada através de um telemóvel. Todos os alunos permitiram que a entrevista pudesse ser gravada.

Quanto às entrevistas realizadas aos diretores de turma, estas foram feitas de acordo com a sua disponibilidade, portanto nas suas horas livres. Algumas foram feitas na sala de atendimento aos pais/ encarregados de educação e outras na sala de reuniões. Quase todos aceitaram que se pudesse gravar as entrevistas, com a exceção de uma diretora de turma (DT) que apresentou uma certa resistência inicial, e acabou por também ser gravada. As entrevistas aos diretores de turma tiveram uma duração de quase 1 hora cada.

Quanto aos pais/encarregados de educação, foram os diretores de turma que facultaram os seus contactos. Não conseguimos falar com todos, apesar de múltiplas tentativas. No fim, conseguimos entrevistar duas mães. Uma delas estava no horário de trabalho, ia fazer compras, mas foi persuadida a disponibilizar alguns minutos para que se pudesse fazer a entrevista, alegando o valor da entrevista para a realização da dissertação. A entrevista foi feita na estação de comboio de sete rios e demorou cerca de 30 minutos. A entrevistada 1 é cabo-verdiana, empregada doméstica e estudou até o 7º ano. Mal consegue acompanhar o filho nos estudos visto que trabalha interna e só sai nos fins de semana, portanto, durante a semana o filho fica em casa com o padrasto e a avó. No que tange a entrevistada 2, foi difícil marcação, porque o horário de trabalho dela é complicado. Por fim ela mesma ligou a pedir para irmos ter com ela para fazer a entrevista. Foi feita num restaurante, no Rossio, e teve a duração de 40 minutos. A entrevistada é cabo-verdiana, há 4 anos que vive cá em Portugal, é supervisora numa empresa de limpeza, estudou até o ensino superior. Alega que tem pouco tempo para acompanhar o estudo do filho porque sai muito cedo e chega em casa tarde.

Não foi possível analisar as entrevistas dos pais/ encarregados de educação porque foram só duas entrevistas que conseguimos fazer e achámos insuficiente. Mas mesmo assim foram transcritas e quando necessário podemos colocar alguma citação dos pais que achamos relevante.

As entrevistas foram posteriormente transcritas e sujeitas a uma análise de conteúdo. A análise de conteúdo é a expressão genérica utilizada para designar um

conjunto de técnicas possíveis para tratamento de informação previamente recolhida (Lima e Pacheco, 2006:107).

CAPÍTULO 3. ANALISAR O (IN)SUCESSO ESCOLAR

3.1 A voz dos alunos

Caraterização dos alunos entrevistados

Tal como se mostra na tabela apresentada abaixo, que representa o perfil dos alunos, entrevistámos um universo de seis alunos do sexo masculino, alunos do 3º ciclo, dois alunos de cada ano (7º, 8º e 9º ano). Dois desses alunos têm 14 anos, dois têm 15 anos, um tem 13 anos e outro tem 18 anos. Três destes alunos têm trajetórias de insucesso e três alunos com trajetórias de sucesso. Como podemos constatar, os alunos com trajetórias de insucesso são os entrevistados 3, 4 e 6, são eles que apresentam uma ou mais reprovações.

Quadro 1 – Alunos entrevistados por idade, ano de chegada a Portugal, ano de escolaridade frequentado, número de reprovações e situação socioeconómica dos pais

Entrevistado	Idade	Ano de chegada em Portugal	Ano de escolaridade	Nº de reprovações	Situação socioeconómica dos pais
1	14	Nasceu em Portugal	7º	0	Vive com a mãe Ensino básico Doméstica
2	14	2013	9º	0	Vive com a mãe Ensino secundário Enfermeira
3	15	2016	8º	1	Vive com os pais Ensino superior Cozinheiro Empregada de limpeza
4	18	2017	9º	3	Vive com a mãe Ensino básico Doméstica
5	13	2014	8º	0	Vive com a mãe Ensino superior
6	15	Nasceu em Portugal	7º	2	Vive com os pais Ensino básico Doméstica Pedreiro

Os entrevistados 1 e 6 são os únicos que nasceram em Portugal. Os restantes nasceram no país de origem (Cabo Verde), portanto vieram para Portugal depois dos pais terem vindo. Estes pais trouxeram os filhos já com alguma idade avançada, e também já com a escolaridade iniciada em Cabo Verde.

O entrevistado 3 terminou o 7º ano em Cabo Verde. Iniciou o 8º ano cá em Portugal, mas acabou por reprovar porque teve muitas dificuldades tanto na língua como na compreensão e acompanhamento das matérias. Portanto foi o ano que não teve nenhuma positiva exceto a Educação Física que tira sempre uma positiva razoável.

“Reprovei porque tinha muitas negativas, não compreendia as matérias, não percebia nada, tinha muitas dificuldades”. (Entrevistado 3, 15 anos)

Já o entrevistado 4 é o aluno que teve mais reprovações. Iniciou o 7º ano aqui em Portugal. No mesmo ano teve uma reprovação. Considerou o ano mais difícil para ele visto que não entendia nada da matéria. No 8º ano também reprovou uma vez porque não conseguia acompanhar os apontamentos e não estudava em casa. Este aluno também teve outras reprovações quando vivia em Cabo Verde.

“reprovei dois anos em Cabo Verde, nunca gostei de estudar...em Portugal foi mais difícil porque não conseguia tirar apontamentos e nem acompanhar a matéria, o 7º ano foi o pior ano porque não percebia nada nas aulas...também não interessava.” (entrevistado 4, 18 anos)

O entrevistado 6 é um aluno que nasceu em Portugal, teve duas reprovações no 7º ano, sempre reprovou porque faltava muito as aulas e não estuda.

Conforme o quadro averiguamos que os alunos com trajetórias de insucesso escolar apresentam um atraso a nível dos anos de escolaridade. Por exemplo podemos comparar os entrevistados 2 e 4, ambos no mesmo ano de escolaridade, onde constatamos uma grande diferença em que o aluno com trajetória de insucesso com 18 anos de idade e o de sucesso com 14 anos de idade, todos no 9º ano.

Na maioria desses alunos o pai não está presente, ou seja, vivem só com a mãe e muitas vezes a mãe faz o papel de pai também. Encontramos duas mães com ensino superior, três com ensino básico e uma com ensino secundário. Neste caso a maioria das mães tem escolaridade baixa, o que dificulta no apoio ao estudo dos filhos. Os que têm escolaridade um pouco avançada não têm tempo para acompanhar os filhos por causa do horário do trabalho.

Como afirma Seabra (2010:70), “os filhos de imigrantes têm mais frequentemente uma escolaridade difícil na escola elementar. A distância deve-se muito a um forte efeito da estrutura ligada, sobretudo, as diferentes posições sociais das famílias, do nível de educação dos pais e do número de filhos”.

Nem sempre os filhos de pais com um nível de ensino elevado (ensino superior) podem ter sucesso. Isto constata-se no entrevistado três, em que os pais têm o ensino superior, mas o aluno é considerado de insucesso. Acho que isso acontece por falta de tempo, visto que passam durante o dia fora de casa, já que têm conhecimentos suficientes para apoiar os filhos.

Diogo (2008), defende que a demonstração de interesse pela vida escolar dos filhos é considerada a parte fundamental do seu processo de aprendizagem, isto é, os pais têm que estar sempre presentes para incentivar os filhos nos estudos, a dizer-lhes o quanto é fundamental para o futuro.

Trajetórias escolares

Neste ponto vamos falar dos alunos com trajetórias de sucesso e os com trajetória de insucesso. A partir das entrevistas, averiguamos que os alunos com trajetória de insucesso se caracterizam como alunos de notas baixas, ou alunos de piores notas. Muitas vezes esses alunos têm baixo desempenho escolar porque não estudam, ou não gostam de estudar. Mas na maioria das vezes o que leva esses alunos a terem insucesso é o facto de eles passarem muito tempo sozinhos, sem a presença dos pais em casa na hora que deveriam estar a estudar.

“A minha mãe sai na segunda feira para trabalhar, volta só na sexta a noite. O meu tio e o meu padraсто saem de manhã para trabalhar e voltam a noite e eu fico em casa sozinho e estudo quando quiser”. (entrevistado 4, 18 anos)

É neste caso que Diogo (2008) defende que o envolvimento dos pais pode surgir relacionado com o sucesso escolar, não só porque os alunos mais acompanhados são mais incentivados, como também um maior envolvimento pode ser visto como um meio de garantir o aproveitamento necessário a progressão escolar.

Mas as vezes também o caso de os pais terem escolaridade baixa e o não poderem ajudar os filhos, pode causar o insucesso, o não gostar da escola, a falta de incentivo. Se tivessem mais incentivo por parte dos pais em casa, mesmo que eles não conseguissem ajuda-los nos trabalhos de casa (TPC), podiam motivá-los mais a estudarem e a esforçarem mais aprender a falar o português.

Os alunos com trajetória de insucesso têm dificuldade em quase todas as disciplinas. Talvez por falta de compreensão dos conteúdos na sala de aula, ou por não entender ou dominar bem a língua portuguesa. Também pode ser por eles não falarem bem o português.

Constatamos que tanto os alunos com trajetória de insucesso como os de sucesso têm maiores dificuldades nas disciplinas de Matemática e Português. Estas também são as disciplinas que gostam menos.

Os alunos com trajetória de insucesso não conseguem resultados positivos nessas disciplinas, além das outras disciplinas em que têm notas baixas. A exceção é Educação Física, que é a favorita na maioria deles.

Quanto aos alunos com trajetória de sucesso, também têm notas baixas nessas disciplinas (Matemática e Português). Mas estudam para ultrapassar as notas baixas, estão sempre preocupados em aprender e esforçam-se para fazer os trabalhos de casa (TPC).

“Tenho melhores notas em física/química, geografia, ciências. Piores notas é a matemática e o português. Não sei porque, nas aulas faço tudo certo e nas

provas fico nervoso e não consigo, este ano ainda não consegui uma positiva em matemática, mas já tive perto”. (entrevistado 2, 14 anos)

Experiências escolares

No que tange as experiências escolares vamos destacar os hábitos de estudo dos alunos com trajetória de sucesso e de insucesso. Portanto vamos começar observando a prática do estudo, verificamos que os alunos com trajetória de insucesso não estudam o suficiente para obter notas boas, ou seja, não estudam todos os dias. Neste caso para que pudessem tirar boas notas precisavam estudar todos os dias para ultrapassar as negativas.

“estudo só as vezes...não gosto, é uma seca, sempre sou obrigada a estudar, a minha mãe obriga-me a estudar”. (entrevistado 3, 15 anos)

Estes alunos precisam ter um acompanhamento mais frequente por parte dos pais em casa. Conforme salienta Benavente e outros (1994), a participação dos pais pode acontecer através dos contactos que realizam, do acompanhamento dos trabalhos escolares e ainda pela vontade de inserir na dinâmica escolar.

Quanto ao apoio nos estudos, é de salientar que os alunos com trajetória de insucesso escolar quase que não têm apoios em casa. Na maioria das vezes estudam sozinhos, sem ninguém por perto para tirar-lhes as dúvidas. Não têm ajuda, ou seja, não têm a quem recorrer no caso de dúvidas. Como o caso do entrevistado 4, realça que a mãe não consegue ajudá-lo ou tirar-lhe as dúvidas, visto que só tem o quarto ano do ensino básico e não tem conhecimentos que o permitam ajudar.

“estudo sozinho. A minha mãe não consegue ajudar-me porque só têm o 4º ano. As vezes vou a casa da minha prima tirar dúvidas e se eu estiver a estudar a noite, no outro dia tiro com os professores na escola”. (entrevistado 4, 18 anos)

Ainda encontramos outro caso do entrevistado seis que se encontra numa situação grave porque é um aluno que não faz trabalhos de casa (TPC), não tem nenhum tipo de apoio em casa e não tem qualquer prática de estudo autónomo.

“Ninguém me apoia nos TPC. Se tiver dúvidas não faço e nem tiro os cadernos para estudar”. (entrevistado 6, 15 anos)

Portanto esses alunos precisam de apoio no desenvolvimento de hábitos de estudo e de acompanhamento no entendimento das matérias.

Também encontramos alunos com trajetória de insucesso em que os pais têm uma escolaridade elevada e não tem tempo para acompanhá-los nos estudos, e, portanto, tiram dúvidas com os professores e no caso de precisarem de ajuda, pedem aos professores.

Encontramos alunos com trajetória de insucesso que são alunos que não gostam de estudar ou estudam pouco. Por exemplo os entrevistados 4 e 6, estudam pouco porque não gostam, consideram-se distraídos na sala de aula e não gostam de participar nas aulas. Mas também encontramos alunos que gostam de estudar, mas mesmo assim são considerados alunos com trajetória de insucesso, talvez é por falta de acompanhamento dos pais, ou porque têm dificuldades em compreender as matérias e não têm com quem esclarecer as dúvidas em casa.

Os alunos com trajetória de sucesso, eles estudam todos os dias e estudam duas ou três horas no máximo por dia.

“estudo todos os dias...quando o meu cérebro começa a ficar cheio descanso, depois começo de novo e quando terminar faço resumo da matéria que estudei. Trago para escola e fico a ler, faço 2 horas de estudo por dia, mas quando tenho teste demora mais”. (entrevistado 1, 14 anos)

Esta prática é suficiente para obterem boas notas. Nestes casos, os pais estão presentes e dispostos a ajudar os filhos. Estes alunos têm sempre alguém em casa para ajudá-los e apoiá-los nos TPC, exceto o entrevistado dois que frequenta explicações extras e tem ajuda da mãe no TPC.

Mas também nos entrevistados com trajetória de sucesso, encontramos alunos que não gostam de estudar, distraídos e pouco participativos nas aulas. Mas mesmo que não gostem de estudar, são atentos e estão sempre preparado para participar.

Quase todos os alunos dizem que se sentem incentivados pelos professores, mais concretamente os diretores de turma, tanto os com trajetória de insucesso como os de sucesso. Os entrevistados 2 e 5, que são alunos com trajetória de sucesso alegam que às vezes os professores incentivam-nos no estudo.

Quer os alunos com trajetória de insucesso como os de sucesso gostam da turma e dão-se bem com os colegas portugueses exceto algumas ocorrências de zangas. Mas sentem-se em geral apoiados pelos colegas.

“Sim, é uma boa turma, mas as vezes portam mal e isso chateiam a nossa professora, mas gosto deles”. (entrevistado 1)

Os aspetos relacionais

Quanto aos aspetos relacionais, analisamos a relação pais/escola, pais/aluno e professor alunos. Constatamos que os pais têm uma relação insuficiente com a escola dos filhos, ou seja, alguns raramente aparecem na escola, outros aparecem só quando são chamados pelos professores.

Nos casos dos alunos com trajetória de insucesso, os pais não vão à escola para saber dos filhos. Muitos dos pais não controlam os testes porque o filho não o informa sobre a data do teste e também não pergunta sobre os testes. Às vezes a única coisa que os pais conseguem controlar são as faltas, isto porque quando falta uma aula o diretor de turma liga para os pais a perguntar o motivo que levou o aluno a faltar as aulas.

“Não controlam os testes. Controlam as faltas porque o diretor de turma liga o meu pai quando falto”. (entrevistado 3, 15 anos)

Os entrevistados alegam ter uma boa relação com os pais e a maioria conversam com eles sobre a escola. Notamos que os alunos com trajetória de insucesso não gostam de conversar com os pais sobre a escola porque para eles não tem importância.

“Não são interessantes porque não gosto de estudar, por isso não gosto de conversar com ele”. (entrevistado 6, 15 anos)

Também ao longo das análises constatamos que alguns alunos com trajetória de insucesso têm uma boa relação com os professores, sentem-se motivados por parte dos professores e sempre que têm dificuldades pedem ajuda aos professores, e estes mostram interesse em ajudá-los.

No caso dos alunos com trajetória de sucesso, os pais estão sempre presentes, comparecem em todas as reuniões convocadas pela escola e pelos diretores de turma. São alunos cujos pais controlam as notas e as faltas, caso faltam a aula. Estão sempre na escola contactando os diretores de turma para saberem dos filhos, mesmo que não haja necessidade ou algum problema.

Alguns destes alunos consideram que alguns professores são bons, mas nem sempre pedem ajuda porque às vezes não têm motivação nas aulas, enquanto outros se sentem motivados e pedem ajuda sempre que necessário.

3.2 A voz dos diretores de turma

Caracterização dos diretores de turma

Conforme o quadro indicado abaixo, entrevistámos, na escola em que realizámos a pesquisa, um universo de seis diretores de turma. Dos seis entrevistados, três nasceram em Lisboa, um na França, outro no Porto e outro de Trás-os-Montes. De todos, o entrevistado 6 tem mais anos de carreira (34 anos), e com menos anos de carreira, os entrevistados três e quatro, ambos com 19 anos de carreira. Todas têm carreiras longas.

Quadro 2 – Diretores de turma, segundo o lugar de nascimento, anos de função, área de formação e motivo da escolha da profissão

Entrevistado	Local de nascimento	Anos de função	Área de formação	Motivo da escolha da profissão
1	Lisboa	25	História	Interesse pela disciplina
2	França	21	Ciência Religiosa	Ver a profissão como uma hipótese para o futuro
3	Lisboa	19	Geografia	Gostar de crianças
4	Porto	19	Educação Física	Gosto pelo desporto
5	Lisboa	30	Música	Acaso
6	Trás-os-Montes	34	Engenharia Civil	Gosto de trabalhar com adolescentes

Todos os entrevistados são formados em áreas que gostam e todos descrevem um motivo pelo qual escolheram esta profissão. O entrevistado 2 é formado em ciências religiosas, mas ser professor não era o sonho dele. Por motivos pessoais acabou por optar por esta profissão.

O entrevistado 5, que é formado em Música, escolheu esta profissão por acaso, já que na altura estava a passar um momento de crise pessoal. Decidiu entrar na área de ensino como forma de superar as despesas financeiras.

“Foi um acaso. Tirei o curso de conservatório de violino e houve uma altura em que tinham acabado as orquestras em Portugal, vi a metade da minha família no desemprego, já que vim de uma família de músicos. E como já andava a ensinar no ensino artístico resolvi experimentar, vim para o público e foi até hoje.” (entrevistado 6)

A relação entre os professores e os alunos

A relação entre professores e alunos é um aspeto muito importante no funcionamento da sala de aula e da promoção do sucesso escolar. Seabra e outros verificou que os alunos de origem imigrante registam um menor “incentivo à participação sentido pelo aluno e do respeito que sente por parte dos professores” (Seabra e outros, 2011).

A relação entre o professor e os alunos não pode ser uma relação de imposição, mas sim, uma relação de cooperação, de respeito e de crescimento, onde o aluno deve

ser considerado como um sujeito interativo e ativo no seu processo de construção de conhecimento.

Seguindo a mesma linha de pensamento dos autores acima mencionados, ao analisarmos as entrevistas dos diretores de turma encontramos algumas características semelhantes a estas. É neste sentido que os entrevistados realçam ter uma boa relação com os alunos de uma forma geral destacando uma relação de respeito, empatia, amigável, próxima e sempre estabelecendo limites.

Os entrevistados defendem que não fazem distinção entre os alunos, considerando-os todos iguais, são atentos aos problemas deles e tentam acompanhá-los.

Ao longo das entrevistas constatamos que cada entrevistado tem uma forma diferente de incentivar os alunos, indo ao encontro das necessidades de cada aluno, principalmente os alunos de origem cabo-verdiana. O mesmo acontece no incentivo aos alunos, em que utilizam diferentes estratégias para os conteúdos estudados na sala de aula, como forma de mantê-los curiosos e atentos. Incentivam-nos de forma de levá-los a estarem sempre disponíveis a aprender a estudar e a interessar-se pelas matérias. Os entrevistados tentam incentivar os alunos principalmente aqueles que não gostam de estudar, de aprender a ganhar conhecimentos e terem objetivos mais altos na vida, de modo a ganhar mais gosto pelo estudo, e de aprender o máximo daquilo que é ensinado.

“Incentivo-os, como forma de obter um melhor sucesso, um ensino melhor que lhe trará benefícios para o futuro.” (entrevistado 2)

Na minha opinião, os professores deviam conversar mais com os alunos que apresentam problemas para entender as suas dificuldades, bem como tratar todos pelo nome. Muitas vezes as dificuldades podem estar relacionadas com a metodologia utilizada, os métodos pedagógicos, o ambiente físico e até mesmo motivos relacionados com o próprio aluno e seu contexto de vida. Isto é muito importante visto que a relação professor-aluno é marcada pela motivação para a participação por parte do professor e o respeito que o aluno sente em relação a este.

Quanto às dificuldades nas disciplinas, a maioria dos entrevistados apontaram a língua como a maior causa de dificuldades. Afirmam que os alunos têm dificuldades em pronunciar as palavras, e isto leva-os a terem receio em participar nas aulas. Também quando os conteúdos não são significativos ou estão ligados à sua experiência é difícil promover aprendizagens, isto porque têm dificuldades em situar no tempo e no espaço a matéria e ainda em fazer a interpretação de textos.

“Têm dificuldades na língua porque [os textos] utilizam linguagens rebuscadas. Também têm dificuldades. Têm problemas de situar no tempo e no espaço, também outra dificuldade é a interpretação do texto”. (entrevistado1)

Os entrevistados realçam que os alunos que chegam de Cabo Verde apresentam várias dificuldades. Referem o cálculo matemático como a maior dificuldade, tal como os conteúdos relacionados com geografia física e com o clima. Estes alunos são nomeados para frequentar aulas de apoio tutorial oferecidas pela escola, como forma de ultrapassar essas dificuldades.

Isto foi notado nas entrevistas dos alunos, em que eles apontam a Matemática, e a Física como as suas maiores dificuldades. Ou seja, as ciências exatas são as grandes dificuldades, e não gostam destas disciplinas.

Os diretores entrevistados realçaram que se nota algum desinteresse por parte dos alunos em aprender e que estes não tiram o proveito que deveriam tirar das aulas. Notam uma grande desmotivação dos alunos, de uma forma geral. Ainda acrescentam que os que não têm interesse vão às aulas porque são obrigados a ir e os que gostam de aprender fazem um esforço pessoal. Defendem que só alguns se preocupam em aprender. Dizem que os que se deveriam preocupar não têm interesse nenhum, e os que têm sucesso querem ter mais sucesso. Também há alunos que chegam com dificuldades de base por falta de requisitos, mas conseguem ultrapassá-las porque são alunos empenhados. Há outros que ficam retidos por falta de interesse, mesmo que os professores ofereçam ajuda.

“Os que são bons preocupam-se bastante e os que tem mais dificuldade ao contrário do que poderia ser essa preocupação, é na mesma medida. Os que têm sucesso querem ter mais sucesso e os que tem dificuldade não estão a conseguir obter resultados, alguns tentam e conseguem com o empurrão dos pais e professores. Acho que esta geração têm um sentimento de não valer a pena, de não fazer grande esforço, acho que é a geração de estar tudo feito. Não sabem resolver coisas simples do dia a dia, e na minha aula noto isso”. (entrevistado 5)

O cumprimento dos TPC é um problema que todos os professores se queixam dos alunos de uma forma geral. Isto porque os alunos não fazem os TPC, principalmente os alunos que têm dificuldades. Defendem que os alunos não fazem TPC porque é um hábito que eles têm de não cumprir os TPC. Raramente aparece um aluno que o faz, ou seja, o hábito de realizar os trabalhos de casa é muito pouco frequente.

“Não, a maior parte não, nem os cabo-verdianos. Por hábito os TPC são muito pouco realizados”. (Entrevistado 2)

Ainda salientam que os que não fazem são os que precisavam de os fazer e essas tarefas seriam importantes para ajudar os alunos desmotivados e que têm mais dificuldades.

O entrevistado 5, que é professora de música tem uma visão diferente sobre os TPC, já que não dá tarefas para fazer em casa. Segundo ela os alunos já passam muito tempo na escola.

Quanto aos alunos com notas baixas os entrevistados realçam que é feito um plano de acompanhamento pedagógico, para reforçar mais a participação oral dentro da sala de aula e dar mais um trabalho extra que pode ajudar nos outros trabalhos.

Ainda salientam que para além do reforço positivo, fazem testes adaptados, mais simplificados, com uma linguagem simples. Também fazem trabalhos de pesquisa individual para que possam ter outro incentivo, motivando-os para poder obter melhores resultados. Podem ainda frequentar uma turma de acolhimento do Português como língua não materna.

“Esses alunos frequenta uma turma de acolhimento do português da língua não materna. Isso ajuda realmente, porque mesmo na matemática eles necessita do português para interpretar as questões, de saber aquilo que se pede, aquilo que é pedido. Também têm apoio, explicando melhor e usando várias estratégias, como estarem sempre com os alunos com mais facilidade para poderem acompanhar. Depois o entrave que é a falta do acompanhamento da família.” (entrevistado 4)

No que diz respeito aos casos dos alunos distraídos, os entrevistados salientam que tentam chamá-los à atenção constantemente, circular pela sala, puxá-los mais para frente, dar-lhes mais um trabalho, passar por eles e tocar-lhes no ombro para prestar atenção. Quando vêem que alguém está distraído aproximam-se e tentam chamar a atenção.

Acrescentam ainda que tentam encontrar ligações que eles possam entender, tornando as coisas mais pessoais para eles. Outra forma que usam para chamar a atenção é dando-lhes tarefas, incentivando de forma a que perante a questão eles possam ser os primeiros a pedir para responder à questão.

“Puxá-los mais para frente, dar-lhes mais um trabalho, passar por eles e tocá-los no ombro para prestar atenção, chamá-los sempre para prestar atenção”. (entrevistado 4)

Experiência do professor na sala de aula

A experiência do professor é um processo que está relacionado com o empenho e dedicação empreendida pelo profissional tanto em sua formação quanto na sua atuação.

Analisámos este assunto com uma série de questões que fizeram parte da nossa entrevista, e que abordaremos em seguida.

À pergunta se os alunos cabo-verdianos têm o mesmo sucesso que os outros alunos, alguns entrevistados responderam que não têm o mesmo sucesso por causa da estrutura familiar. Mas também, segundo eles, depende do valor que a família atribui a educação. Os entrevistados deram respostas muito semelhantes, ou seja, partilham o mesmo ponto de vista.

“Os alunos de origem cabo-verdiana não tem o mesmo sucesso que os outros pelo fato de terem uma estrutura familiar que não consegue acompanhar os filhos e também as vezes não tem capacidade de ajudar os filhos no TPC”. (entrevistado 5)

Alegam que os alunos são pouco estudiosos, portanto tinham que estudar mais para tirar boas notas. Salientam que “ser estudioso” para eles é complicado, principalmente no caso dos alunos rapazes que quando chegam uma certa idade, 15-16 anos, começam a ter outros gostos mais divergentes da escola, como o futebol, a música. Portanto são cada vez menos aqueles que tem gosto pelo estudo.

“Os rapazes são mais problemáticos. Talvez seja a adolescência, o meio em que vivem, os tipos de amigos. Eu noto que por parte dos rapazes há mais dificuldades e atitudes mais incorretas no sentido de não trabalhar, de não fazer nada nas aulas, de se distrair” (entrevistado 6).

Quanto ao comportamento dos alunos quase todos os entrevistados defendem que os alunos se portam bem nas aulas porque há limites estabelecidos. No entanto, o entrevistado 1 disse que os alunos não se portam bem.

No que diz respeito a participação nas aulas, alguns dos entrevistados defendem que os alunos são participativos, porque são obrigados a participar, ou pelo esforço dos professores em levar temas interessantes que levam os alunos a participar. Mas outros entrevistados defendem que os alunos são pouco participativos, que isso se deve ao facto de ainda se retraírem por causa da dificuldade que têm na língua.

“Não participam muito, eu penso que se retraem por causa da dificuldade que têm na língua”. (entrevistado 3)

No que diz respeito às atividades na sala de aula, alguns entrevistados realçam que parte dos alunos não gostam de aulas expositivas e por causa disso desenvolvem atividades que os levam a participar. Mas também encontramos entrevistados que se preocupam em cumprir o programa, portanto revelam que não há tempo para fazer atividades na sala de aula. As atividades destacadas pelos entrevistados são: fichas, exercícios e questões.

“Sim, porque não gosto que as aulas sejam expositivas, é sempre dialogada, também tem aulas de interpretação de textos, imagens, fichas. Nem todos participam da mesma forma porque uns participam mais, outros pouco”. (entrevistado 1)

Quanto aos alunos com dificuldades de aprendizagem a maioria dos entrevistados defendem que dão maior atenção a esses alunos, ou seja, dão-lhes uma atenção específica. Estes alunos são especificamente identificados, sentam-se mais à frente, as fichas são adaptadas consoante as suas dificuldades. Utilizam várias estratégias para esses alunos, tais como, adaptar os exercícios às suas limitações, perguntas mais simplificadas no caso dos alunos com necessidades mais graves, simplificação de tarefas. Quando o aluno tem dificuldade em perceber uma determinada tarefa tentam simplificar o máximo a tarefa para que ele compreende o que tem que fazer.

No que diz respeito às estratégias específicas para os alunos cabo-verdianos, os entrevistados defendem que nem sempre há necessidade de utilizar estratégias específicas para esses alunos. Mas em caso de necessidade, dão um o apoio individualizado. Se o aluno não compreender tentam explicar de outra forma, às vezes os alunos explicam uns aos outros usando termos menos científicos, o que também ajuda. Também fazem testes mais pequenos e estes testes são corrigidos em conjunto com o professor de português para descodificar os testes e tornam o teste um momento de aprendizagem.

Quanto à participação espontânea dos alunos, quase todos os entrevistados responderam que raramente os alunos pedem para participar, mesmo os que são chamados. Neste caso os professores tentam motivá-los a participarem. Portanto, há alunos que gostam de participar e outros não. Defendem que os alunos que participam são os que estudam.

“Os alunos mais calados tento motivá-los para participar e vão participar sempre que entendam”. (entrevistado 2)

Quanto aos alunos que têm insucesso escolar, quase todos os entrevistados responderam que a atenção é diferente se for um aluno que não conseguiu, mesmo esforçando-se. Há alunos que não conseguem porque não se querem esforçar. Dão tarefas específicas a esses alunos de modo a terem sucesso. Ainda salientam que esses alunos têm um plano de acompanhamento pedagógico onde são definidas diferentes estratégias.

No que diz respeito aos apoios existentes na escola, todos os entrevistados falaram do apoio tutorial específico existente na escola para os alunos com duas ou mais retenções. O professor tutorial orienta-os nos estudos, e ajuda-os a organizar o seu tempo e os estudos. Também falaram no apoio específico que têm na matemática e em português.

“Sim existem as tutorias para os alunos que tiveram uma ou mais retenções ao longo do seu percurso escolar. Têm duas horas de apoio semanal com o professor que os ajuda a estudar, a organizar o seu tempo. Também temos os apoios específicos a português, a matemática, em algumas turmas a ciência e a história” (entrevistado 3).

A relação entre pais e professores

A relação pais/professores tem um papel importante na educação das crianças. Trata-se de um elo de ligação que potencia o desenvolvimento da criança. É nesta linha que realizámos uma série de perguntas relacionadas com este tema aos diretores de turma, tais como: conhecimento das modalidades de apoio dos pais aos filhos nos TPC, conversas com os filhos, etc.

Portanto, no que diz respeito ao apoio nos TPC os diretores de turma entrevistados responderam que há vontade, mas a capacidade de ajudar é outra coisa por causa do horário de trabalho e também por terem a escolaridade baixa. Portanto, os pais não conseguem ser uma grande ajuda.

“A sensibilidade que tenho enquanto diretor de turma é que os pais dos nossos alunos também não têm nem conhecimentos nem tempo disponível para os ajudar e, portanto, ajudam-nos muito pouco”. (entrevistado 4)

Neste ponto as respostas dos encarregados de educação coincidem com as respostas dos professores quando dizem que por causa da escolaridade baixa e por causa do trabalho não conseguem apoiar os filhos. Os diretores de turma entrevistados realçam que há casos de alunos que recebem ajuda só quando solicitada aos pais. Também há pais que não ajudam porque não tem conhecimento se os filhos levam TPC. Segundo os diretores de turma, muitas vezes os pais não preocupam em saber se os filhos têm TPC.

No que diz respeito a opinião dos professores sobre a participação dos pais na vida escolar dos filhos, a maioria dos entrevistados responderam que é importante esta participação, mas tendo em conta o contexto em que se encontram a participação dos pais é muito pouca.

Salientam que esta participação faz toda a diferença, já que os pais de hoje em dia, por falta de tempo, se demitem um pouquinho dessa função. Neste caso são adolescentes que têm mais liberdade por si e muitas vezes não fazem aquilo que deveriam fazer e, portanto, os pais teriam de acompanhar o máximo que pudessem.

“No contexto em que estamos a participação dos pais é muito pouca. Nós precisamos de muito mais ajuda, embora o que nós sentimos também é que os

pais precisam muito da nossa ajuda. Muitas vezes a maior parte destes pais trabalham muitas horas por dia, saem muito cedo de casa, regressam muito tarde e, portanto, mal tem tempo para estar com os filhos, quanto mais para vir a escola. Por isso é muito complicado trazer os pais à escola”. (entrevistado 5)

Quanto a questão de os pais irem à escola fora das reuniões, todos os entrevistados responderam que raramente os pais aparecem na escola e que aparecem só se foram convocados, e mesmo assim são resistentes, e cada vez estão a aparecer menos. Por iniciativa própria, aparecem muito raramente.

Quanto à pergunta se os professores sugerem aos pais explicações para os filhos, os entrevistados realçaram que a primeira opção que se dá são os apoios que existem na escola porque nem sempre a capacidade económica dos pais torna possível as explicações privadas. São informados sobre um projeto EPIS que existe na escola e funciona para ajudar os alunos. Sugerem que os próprios alunos se enquadrem em grupos pequenos na turma e, quando têm horas livres, para irem à biblioteca trabalhar de forma colaborativa.

“Faço sempre essa sugestão, mas a capacidade económica é que nem sempre é possível. Na escola há um projeto EPIS que funciona para ajudar os alunos na explicação”. (entrevistado 3)

No que diz respeito a participação nas reuniões dos filhos quase todos os entrevistados responderam que aparecem muito poucos. Quando vão, ou vai a mãe ou a avó. Realçaram que vão os que não era preciso irem. Ou seja, os pais dos alunos com dificuldades e que precisam de mais apoio não comparecem nas reuniões. Nas entrevistas realizadas com os pais tive respostas diferentes, em que eles responderam que vão a quase todas as reuniões. Os entrevistados 1, 2, e 4 afirmaram que não há reclamações, já que os pais não aparecem na escola.

Quanto às estratégias para aproximar os pais a escola, os entrevistados responderam que disponibilizam uma hora por semana para receber os pais, marcam reuniões e fazem atividades (concertos) onde os pais podem participar.

“realizamos atividades às vezes no final do ano. Durante o ano letivo não temos realizado atividades promovendo a vinda dos encarregados de educação. Mas acho que isso não deveria ser necessário, porque eles deveriam ter um mínimo de preocupação e de responsabilidade em pelo menos de vir as reuniões do final de período. Alguns nem sabem as notas que os filhos têm” (entrevistado 6).

Neste ponto, também os encarregados de educação entrevistados responderam inversamente quando disseram que a escola não os convida e nem sabem se realizam atividades. Quanto às principais reclamações dos pais, os entrevistados responderam

que reclamam muito da ausência prolongada de alguns professores durante o ano letivo. Também outra reclamação é que os filhos não trabalham em casa e não fazem TPC.

Os entrevistados são de opinião que o envolvimento e a participação das famílias contribui para o sucesso escolar e social dos seus educandos. A partir do momento que os pais começam a ir à escola, os filhos começam a perceber que há uma ligação entre escola/casa, e se houver um maior relacionamento entre família e escola, se houver uma maior aproximação, o aluno sente que todos estão a caminhar no mesmo sentido e seria benéfico para todos.

Defendem que sempre que um aluno se comportar mal, os pais devem ser chamados à escola. Mas não aparecem, e nem sempre atendem o telefone porque já conhecem o número da escola.

“Sim, todos os dias e muitas vezes a relação da escola e da família é marcada pela negativa, poucas vezes é marcada pela positiva. Muitas vezes os pais não atendem os telefonemas da escola porque já conhecem o número e sabem que é para comparecer por causa do filho” (entrevistado 1).

Quanto ao interesse em saber como é o relacionamento dos filhos com os professores, os entrevistados responderam que só os que aparecem na escola é que se preocupam e querem estar sempre atualizados sobre o comportamento e aproveitamento dos filhos. Depois existem os outros, os que, na opinião dos professores, não têm interesse.

“Sim, mas só que não tem tempo para acompanhá-los. Acabam por perder um pouco o controlo dos filhos e muitas vezes a resposta que eles nos dão é “já não sei o que hei de fazer””. (entrevistado 3)

Envolvimento dos pais nas atividades escolares

Os pais são fundamentais na aprendizagem e no progresso académico dos seus filhos. Portanto devem ser envolvidos em atividades promovidas pela escola no espaço escolar. Podem ser convidados a participar nos tradicionais dias comemorativos, participar na melhoria do espaço escolar, na supervisão dos recreios, no apoio à biblioteca e salas de estudo, na organização de tempos livres.

E neste sentido, sobre a participação nas atividades da escola, os entrevistados responderam que a escola faz atividades aberta aos pais, mas eles não comparecem porque os horários das atividades coincidem com o horário de trabalho. Portanto as responsabilidades profissionais impossibilitam os pais de participar na vida escolar dos filhos.

Quanto às atividades que fariam os pais ir mais vezes a escola, alguns entrevistados responderam que se calhar seriam concertos e exposições dos trabalhos

feito pelos alunos, fazer pratos diferentes na cantina, em que cada semana um fazia um prato diferente que representa um país.

Todos os entrevistados são de opinião que se os pais participassem nas atividades da escola, os filhos ficariam motivados, e era uma grande vantagem para eles a nível do sucesso. Os alunos começavam a ver a escola de outra forma.

“Não sei se teria influência no sucesso escolar dos alunos, mas certamente os alunos começavam a ver a escola de outra forma e a partir desse momento começavam a haver vantagem em estudar de uma forma indireta, em ter aproveitamento escolar e daí as coisas começavam a ser melhor” (entrevistado 2).

Quanto ao comparecimento dos pais nessas atividades, os entrevistados defendem que os pais de origem cabo-verdiana comparecem pouco visto que trabalham muito e não têm tempo para participar.

“acho que os pais de origem cabo-verdiana acabam por ter pouco tempo, porque trabalham muito. Há várias mães que estão sozinhas têm vários filhos a cargo e fazem papel de mãe e pai. Trabalham por dois e torna-se muito complicado para eles por mais que queiram envolver nas atividades da escola, dos filhos. E isso acaba por prejudicar os miúdos e nós, enquanto professores, percebemos” (entrevistado 3).

CONCLUSÃO

A presente investigação procurou contribuir para o debate sobre o (in)sucesso escolar dos alunos descendentes de imigrantes.

Ao longo deste trabalho de investigação constatámos que o insucesso escolar dos alunos descendentes de imigrantes é um problema que se tem verificado desde a chegada deste grupo como imigrantes. Encontramos vários fatores que estão na causa do insucesso escolar, desde o meio onde o aluno está inserido, a falta de proximidade das famílias relativamente a escola dos filhos, o apoio insuficiente prestado a escolaridade dos mesmos, falta de ambições escolares, até as condições socioeconómico e financeiras dos pais. De facto, a falta de sucesso escolar do aluno aponta para causas que devem centrar-se quer no seu modo de vida e meio familiar, quer no tipo de propostas de aprendizagem que a escola lhe oferece. Ainda podemos apontar a distância entre a escola e a família como um dos problemas que está na base do insucesso escolar de muitos alunos.

No que concerne à parte empírica deste trabalho, a sua realização contribuiu para aprofundar a nossa perceção acerca da realidade, permitindo conhecer melhor as causas do (in)sucesso destes alunos, nomeadamente as dinâmicas relacionais (aluno, professor, pais) que contribuem para o (in)sucesso. De acordo com os entrevistados, os alunos que vieram com a escolaridade iniciada em Cabo Verde, sempre tiveram dificuldades na adaptação, na linguagem e no acompanhamento das matérias em relação aos outros alunos. Mas, também as condições socioeconómicas dos pais influenciam os resultados escolares dos filhos. Constatamos que o meio social onde o aluno está inserido têm impacto no sucesso escolar, e muitas vezes os pais não tem condições financeiras para pagar uma explicação extra para os filhos.

É de salientar que o envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos contribui para o sucesso escolar dos mesmos já que a participação dos pais na escola é importante tanto para a escola como para o filho. Ambos têm um papel fundamental na educação, por isso, não devem ser separados, pois, enquanto que a escola estimula e desenvolve uma perspectiva mais universal e ampliada do conhecimento científico, a família transmite valores e crenças e, como consequência, os processos de aprendizagem e desenvolvimento que se estabelecem de uma maneira coordenada.

Neste estudo verificamos que os professores tentam aproximar os pais à comunidade escolar, mas os pais não acompanham os seus filhos nas atividades escolares, o que pode acontecer por causa dos horários de trabalho que têm.

Relativamente aos alunos, segundo a opinião dos professores, a maioria não mostra interesse em aprender, mesmo com o incentivo e motivação dos professores. Mas acho

que se os pais fizessem a parte deles, como por exemplo, o acompanhamento na hora de estudos, talvez mudassem este desinteresse. Constatamos ainda que a escola está preparada para ajudar estes alunos e reúne uma série de apoios para ajudá-los a obter melhores notas. Mas estes alunos parecem não desfrutar inteiramente destes apoios.

Apesar de poucas entrevistas realizadas com os pais, constatamos uma certa discrepância entre opiniões de pais e professores/diretores de turma. Segundo os diretores de turma, os pais não participam na vida escolar dos filhos, principalmente nas reuniões. Mas, por sua vez, os pais afirmam que vão a todas as reuniões convocadas pela escola. Ainda, os pais defendem que a escola não é aberta aos pais, visto que não conseguem ter informações satisfatórias quando pedem algum esclarecimento ou informação.

Neste ponto eu acho que a escola deveria tentar ter uma relação mais aberta com a comunidade escolar/pais, porque com essa proximidade os pais ajudavam muito mais os filhos. O envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos contribui para o sucesso, isto porque, os alunos acompanhados são mais incentivados e pode ser visto como um meio de garantir o aproveitamento necessário para a progressão escolar.

Podemos concluir que os professores por si só não conseguem despertar o entusiasmo aos alunos no sentido de terem sucesso escolar sem a colaboração dos pais, para incentivar os filhos a estudarem mais. O papel dos pais no ensino dos filhos deve funcionar de forma complementar ao da escola, promovendo sucesso e uma boa convivência social. É por isso que os pais deveriam estar mais presentes na educação e na vida escolar dos filhos.

BIBLIOGRAFIA

Bastos, José Gabriel P. et al., (1999), *Portugal Multicultural*, Lisboa, Edições Fim de Século.

Benavente, Ana, Jean Campiche, Teresa Seabra e João Sebastião (1994), *Renunciar à escola. O abandono escolar no ensino básico*, Lisboa, fim do Século.

CNE (2016), *Estado da Educação 2015*, Lisboa, Conselho Nacional de Educação.

Diogo, Ana Matias (2008), *Investimento das Famílias na Escola. Dinâmicas Familiares e contexto Escolar Local*, Oeiras, Celta Editora.

Évora, Gustavo Silva (2013), *Sucesso escolar de Cabo-verdianos em Portugal*, Tese de Doutoramento em Ciências de Educação, da Universidade Nova de Lisboa.

Ferreira, Lígia Évora (2008), “O direito ao sucesso: jovens cabo-verdianos no contexto educativo português”, em Pedro Góis (org.), *Comunidade(s) Cabo-verdiana(s): as Múltiplas Faces da Imigração Cabo-verdiana*, Lisboa, ACIDI, pp. 101-142.

Ferreira, Manuela, Ana Paula Cardoso e José Luís Abrantes (2013), “Fatores preditores do sucesso escolar no ensino secundário”, em Abrantes, Pedro, Luísa Veloso (organizadores), *Sucesso escolar: da compreensão do fenómeno às estratégias para o alcançar*, Lisboa, Mundos Sociais, pp. 29-58.

Jacob, E., (2018), *Estudantes do ensino superior em Angola: origens e perfis sociais, trajetórias e escolhas escolares e expectativas escolares e profissionais*. (tese de doutoramento). Departamento de Sociologia, ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Grácio, Sérgio (1997), *Dinâmicas da escolarização e das oportunidades individuais*, Lisboa, Educa.

Lima, Jorge Ávila, Pacheco, José Augusto (2006), *Fazer investigação: Contributos para a elaboração de dissertações e teses*, Porto Editora.

Montadon, Cléopâtre, Perrenoud, Philippe (2001), *Entre Pais e Professores, um Diálogo Impossível? Para uma Análise Sociológica das Interações entre a Família e a Escola*, Celta Editora.

Seabra, T. (2008), *Desempenho escolar, Desigualdades sociais e etnicidade: os descendentes de imigrantes indianos e cabo-verdianos no ensino básico em Portugal* (tese de doutoramento). Departamento de Sociologia, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa - ISCTE, Lisboa

Seabra, Teresa (2010), *Adaptação e Adversidades: o desempenho escolar dos alunos de origem Indiana e Cabo-verdiana no ensino básico*, Lisboa, ICS - UL.

Seabra, T., Roldão, C., Mateus, S., & Albuquerque, A. (2016), *Caminhos Escolares de jovens africanos (PALOP) que acedem ao ensino superior*, Alto Comissariado para as migrações (ACM). Lisboa

Seabra T., Abrantes P. (2016), *Incursões na sociedade educativa*, Lisboa, Editora Mundos sociais

Seabra, T., Mateus, S., Roldão, C., (2018), “imigrantes e Escolaridade: trajetórias e condições de integração”, em Carmo, Renato et al, *Desigualdades Sociais: Portugal e a Europa*, Lisboa, Editora Mundos Sociais, 301-314.

Silva, Pedro (2003), *escola-família, uma relação armadilhada: interculturalidade e relações de poder*, Porto, Edições Afrontamento

Silva, Pedro (2007), *Escolas, famílias e lares: um caleidoscópio de olhares*. Porto: Profedições

ANEXOS

Anexo 1 Guião de entrevista aos diretores de turma

Dimensão	Perguntas a realizar para analisar a dimensão
Caraterização do professor	<p>Onde nasceu?</p> <p>Há quantos anos exerce a função como professor?</p> <p>Qual é a sua área de formação?</p> <p>Gosta de ensinar?</p> <p>O que o/a levou a escolher esta profissão?</p>
Relação professor/aluno	<p>Como é a sua relação com os alunos? E com os alunos Cabo Verde?</p> <p>Incentiva os alunos a estudarem? De que forma?</p> <p>Os alunos sentem alguma dificuldade na sua disciplina?</p> <p>Eles sentem-se a vontade ao expor dúvidas nas suas aulas?</p> <p>Os alunos preocupam-se em aprender? E os alunos Cabo Verde?</p> <p>Os alunos cumprem os trabalhos de casa? E os Cabo Verde?</p> <p>As notas são geralmente boas ou más nos alunos Cabo Verde?</p> <p>No caso dos alunos com notas baixas, o que o professor faz para ajudá-los a melhorar as notas?</p> <p>No caso dos alunos distraídos, o que o professor faz para que tenham interesse pelo estudo?</p> <p>Os alunos de origem cabo-verdiana tem alguma particularidade? Tem o mesmo sucesso que os outros?</p>
Experiência do professor na sala de aula	<p>Os alunos gostam da sua aula? São estudiosos? E os alunos rapazes de Cabo Verde?</p> <p>Os alunos portem-se bem nas aulas? E com os colegas?</p> <p>Os alunos participam nas suas aulas?</p> <p>Desenvolve atividades com os alunos na sala de aula? Todos participam?</p> <p>Quanto aos alunos com dificuldade de aprendizagem, como é que o professor se relaciona com eles? Utiliza alguma estratégia que ajude no processo de aprendizagem desses alunos? Qual(ais)?</p> <p>Há estratégias específicas para os alunos de origem cabo-verdiana? E para os rapazes?</p> <p>Durante as aulas, os alunos pedem para participar de forma espontânea?</p> <p>O professor utiliza alguma estratégia para tornar as aulas divertidas onde todos possam participar?</p> <p>No caso dos alunos com insucesso escolar, o professor dá uma atenção específico a eles ou é igual a todos os alunos?</p> <p>Na escola existem apoio para estes alunos (apoios psicológicos e explicações extras) ?</p>

<p>Caracterização da relação pais/professores</p>	<p>Tem conhecimento se os pais/encarregados de educação costumam ajudar o seu educando nos trabalhos da escola?</p> <p>Qual a sua opinião relativamente à participação dos pais/encarregados de educação na vida escolar dos alunos?</p> <p>Os pais aparecem fora das reuniões na escola para saber dos filhos?</p> <p>Quanto aos alunos com notas baixas, os professores sugerem aos pais para procurar explicações extras para os filhos? E os de Cabo Verde?</p> <p>Os pais vão a escola quando ficam insatisfeitos com a nota dos filhos?</p> <p>Eles aparecem nas reuniões dos seus filhos?</p> <p>A escola utiliza alguma estratégia para aproximar os pais? Quais?</p> <p>De que modo o envolvimento e a participação das famílias contribuem para o sucesso escolar e social dos seus educandos, da própria família e da organização escolar?</p> <p>Alguma vez algum encarregado de educação foi chamado a escola por causa do comportamento do seu filho?</p> <p>Os pais têm interesse em saber como é o relacionamento dos seus filhos com os professores?</p> <p>Quais são as principais reclamações dos pais?</p>
<p>Envolvimento dos pais nas atividades escolares</p>	<p>Os pais participam nas atividades da escola?</p> <p>Que tipo de atividades fariam os pais/encarregados de educação vir mais vezes à escola?</p> <p>Alguma vez os pais sugeriram atividades de forma a aproximar outros pais a escola?</p> <p>Essas atividades têm alguma influencia na vida escolar dos alunos Cabo Verde?</p> <p>Os alunos ficam motivados para o estudo, ao verem os pais a participarem nas atividades da escola?</p> <p>A colaboração dos pais nas atividades escolares tem alguma influencia no sucesso escolar dos filhos? Em que sentido?</p> <p>Relativamente a esses aspetos do envolvimento dos pais nas atividades escolares, há alguma diferença dos pais de origem cabo-verdiana?</p>

Anexo 2 Guião de entrevista aos alunos

Dimensão	Pergunta a realizar para analisar a dimensão
Caraterização do aluno	<p>Que idade tens?</p> <p>Onde nasceste?</p> <p>Se nasceste fora de Portugal, há quanto anos estás em Portugal? Com quantos anos chegaste?</p> <p>Descreve-me a tua rotina diária. Como é um dia normal? E o fim de semana?</p>
Caraterização socioeconómica da família	<p>Com quem vives? Descreve a tua família.</p> <p>Que profissão tem a tua mãe?</p> <p>Que profissão tem o teu pai?</p> <p>Até que ano estudou a tua mãe?</p> <p>Até que ano estudou o teu pai?</p> <p>E os teus irmãos? Até que ano estudaram ou em que ano estudam? Algum irmão já trabalha? Em quê?</p>
Caraterização escolar do aluno	<p>Em que ano estás?</p> <p>Como é o teu desempenho escolar? Em que disciplinas tens melhores notas? E piores notas? Porquê?</p> <p>Sentes dificuldade em alguma disciplina em particular? Qual?</p> <p>Que disciplinas gostas mais e menos? Porquê?</p> <p>Alguma vez já reprovaste? Se sim porque motivo? O que é que a reprovação te fez sentir? Quantas vezes? Em que ano?</p> <p>Como eram as tuas notas nos anos anteriores? Sente-se alguma mudança? Tens melhorado ou piorado?</p>
Disposições escolares (preferências, atitudes)	<p>Gostas de estudar?</p> <p>Que tipo de aluno és?</p> <p>Para ti o que é ser um bom aluno?</p> <p>És um aluno atento? Participas com frequência nas aulas?</p> <p>Estás sempre preparado para responder as questões dos professores?</p>
Práticas escolares	<p>Com que regularidade costumavas estudar? Diariamente, semanalmente, às vezes, nunca?... Porquê?</p> <p>Achas que estudas o suficiente?</p>
Relação entre o aluno e a família	<p>Como é o teu relacionamento com os teus pais? E com as pessoas em casa?</p> <p>Para ti o que é uma boa relação? E uma má relação?</p> <p>Os teus pais incentivam-te no teu estudo? De que forma?</p> <p>Eles motivam-te a estudar?</p> <p>Sobre que temas costumavas conversar com os teus pais?</p> <p>Os teus pais conversam contigo sobre os teus estudos? Sobre que temas?</p>

	<p>Quem tem a iniciativa, quem puxa a conversa sobre os estudos?</p> <p>Estas conversas sobre estudos são interessantes para ti? Têm alguma importância? Em que sentido?</p>
Apoios no estudo	<p>Com quem tiras as dúvidas quando estás a fazer os trabalhos de casa? Quem te apoia mais nos trabalhos de casa?</p> <p>Quando tens alguma dificuldade numa matéria da escola a quem é que pedes ajuda? Porquê?</p>
Experiência escolar	<p>Gostas da tua escola? O que gostas mais na tua escola? E menos?</p> <p>Se pudesses mudar algo na tua escola, o que é que mudavas? Porquê?</p> <p>Gostas da tua turma? Porquê?</p> <p>Como é o teu relacionamento com os teus colegas de turma?</p> <p>Os teus colegas oferecem-te ajuda quando tens dificuldades? E estão dispostos a ajudar-te quando pedes?</p> <p>Como é o teu relacionamento com o pessoal não docente da tua escola (os auxiliares)? Alguma vez já te apoiaram em algo? Já lhes pediste ajuda? Se sim, qual foi o motivo?</p>
Relação com os professores	<p>Os professores incentivam-te?</p> <p>Sentes motivado nas aulas?</p> <p>E o relacionamento com os teus professores, como é?</p> <p>Costumas pedir-lhes ajuda quando precisas? E eles ajudam-te?</p> <p>Para ti o que é ser bom professor?</p>
Relação Família/Escola	<p>Os teus pais comparecem nas reuniões da escola?</p> <p>Controlam os testes? E as faltas? Como?</p> <p>Os teus pais conversam com o teu diretor de turma acerca de ti?</p> <p>De que forma os teus pais te incentivam nos estudos?</p> <p>Alguma vez os teus pais já foram a escola reclamar das tuas notas?</p> <p>Alguma vez os teus pais já participaram em atividades realizadas pela escola? De que tipo?</p> <p>Ao veres os pais a participarem nas atividades da escola, ficas mais motivado nos estudos ou não faz nenhuma diferença?</p>

Anexo 3 Guião de entrevista aos pais

Dimensão	Pergunta a realizar para analisar a dimensão
Caracterização dos pais	<p>Qual é a sua nacionalidade?</p> <p>Onde nasceu?</p> <p>Até que ano estudou?</p> <p>Qual é a sua profissão?</p> <p>Gosta do que faz?</p> <p>Já fez alguma formação profissional?</p> <p>Quantos filhos tem?</p> <p>Todos andam na escola?</p> <p>Tem tempo para acompanhar os estudos do filho em casa e apoiá-lo nos trabalhos de casa?</p> <p>Pode descrever a sua rotina diária? Como é um dia normal para si?</p>
Caracterização da relação pais/filhos	<p>Consegue acompanhar o teu filho das coisas que faz na escola e em casa?</p> <p>Costuma conversar com os filhos sobre a escola?</p> <p>Preocupa-se com as notas dos filhos?</p> <p>Costuma controlar as horas de estudo dos seus filhos?</p> <p>Quantas horas os seus filhos estudam por dia?</p> <p>Acha que é o suficiente para ele tirar boas notas? Porque?</p> <p>Ajuda o seu filho nos trabalhos de casa?</p> <p>Quando o seu filho tem dificuldades nos trabalhos de casa a quem é que pede ajuda?</p> <p>O seu filho tem problemas de concentração?</p> <p>Ele tem um espaço para estudar? Como é esse espaço? É silencioso e longe da televisão?</p> <p>O ambiente em casa é propício para o seu filho estudar e realizar os trabalhos de casa?</p> <p>Alguma vez já conversou com o seu filho o espaço onde estuda?</p> <p>Sabe se ele gosta deste espaço?</p> <p>Deixa o seu filho utilizar o telemóvel durante o estudo?</p> <p>Quando o seu filho tem insucesso na escola, o que faz para inverter a situação?</p>
Relação pais/professores	<p>Procura saber como é o relacionamento entre seu filho e os professores?</p> <p>Procura saber qual é o desempenho do seu filho na sala de aula?</p> <p>Alguma vez já procurou saber se o seu filho cumpre as tarefas dadas pelo professor na sala de aula?</p> <p>Já procurou saber se o seu filho é um aluno atento e motivado na sala de aula?</p>

	<p>Alguma vez já perguntou aos professores se o seu filho gosta de participar nas aulas?</p> <p>O seu filho respeita os professores e os colegas na sala de aula?</p> <p>Para si, o que é ser bom professor?</p>
Relação pais/escola	<p>Tem interesse nas atividades escolares do seu filho?</p> <p>Normalmente quando é que é chamado a escola pelos professores?</p> <p>Costuma ir as reuniões convocadas pela escola do seu filho? Todas ou só algumas?</p> <p>Alguma vez já foi chamada a escola por causa do comportamento do seu filho?</p> <p>Sabe quem são os professores do seu filho?</p> <p>Com que frequência vai à escola saber do seu filho?</p> <p>Na sua opinião o que a escola deveria fazer para promover o sucesso escolar dos alunos?</p>